

Agemir Bavaresco
Marcos Messerschmidt
Pedro Antônio Gregorio de Araujo
Organizadores

Teresa Cristina Schneider Marques
Kelvin Falcão Klein
Norman Roland Madarasz
Juremir Machado da Silva
Pedro Antônio Gregorio de Araujo

(Com)possibilidades: os 50 anos do maio de 68



A dupla ruptura afetiva com o memorial de 1968: releituras dos acontecimentos a partir de Godard, Hocquenghem e Duras

Norman Roland Madarasz

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) PUCRS. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Bolsa de Programas de Excelência.

📄 Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1872154241367432>

Como citar:

MADARASZ, N. R. A dupla ruptura afetiva com o memorial de 1968: releituras dos acontecimentos a partir de Godard, Hocquenghem e Duras. In: BAVARECO, A. (Org.). *(Com)possibilidades: os 50 anos do maio de 68*. Passo Fundo: Saluz, 2019. p. 49-79.

Em determinados momentos, a arte da interpretação e a busca pela análise certa prejudicam a filosofia. Independentemente da sua estruturação conceitual da história, a filosofia não pode se subtrair simplesmente à impressão factual. Se os fatos arriscam frequentemente afogar a filosofia em uma relativização historicista, sem as impressões factuais, aquelas que rompem com a semântica institucional e a sequência pragmática que lhe é específica, a filosofia se ideologiza, deturpando-a de praticar o que sempre foi seu projeto: a criação radical por pensamentos.

O objetivo deste ensaio é analisar os modos pelos quais representar filosoficamente o ano 1968. Apontado pela filosofia francesa como inaugurando uma série de inflexões radicais, senão revoluções, em diversas áreas políticas e culturais, 1968 é melhor conhecido como um ano de “acontecimentos” (événements). Há pelo menos trinta anos que se comemora o “belo mês de maio” (*le joli mois de mai*) nacionalmente na França. Neste ano de 2018, as comemorações alcançaram dimensões planetárias que, mesmo se não se limitam ao maio francês, convergem com a percepção da singularidade do momento francês. Lembra-se que em Paris a onda de manifestações em maio de 68 chegou a seu cume com a fuga do então presidente, Charles de Gaulle, para a base militar francesa na República Federal da Alemanha (DFR) em um momento de colapso iminente do seu governo. A nossa proposta não é tanto reexaminar a macrohistória daquele momento quanto configurar um arcabouço histórico-conceitual que visa (i) descentralizar o foco do ano de 1968 no levante parisiense; (ii) oferecer algumas perspectivas históricas sobre a França anteriores a 1968, avultando o Golpe de Estado que trouxe o General de Gaulle à presidência em 1958; (iii) articular uma base conceitual para entender o impacto da tecnologia sobre fenômenos demográficos da época; (iv) distinguir 1968 dos movimentos pós-68 de liberação das mulheres e dos LGBTs, que se organizaram em grande medida *contra* o caráter patriarcal e heteronormativo da liderança do levante; para então (v) frisar que comemorar maio-junho de 1968 equivale a celebrar

o complexo econômico-cultural do Estado francês atual como se fosse o resultado dos acontecimentos invés do materializar o nexos opressivo de uma oligarquia contrária à manutenção do Estado de bem-estar social e que combatia o levante.

Em outras palavras, houve uma contestação popular abafada pelo Estado francês que determinou que o país ainda hoje mostrasse indicadores de desenvolvimento humano considerado pela ONU de “muito altos”. Se houvesse conquistas, eram as dos trabalhadores de usinas, de fábricas e de liceus muito mais que a do elite cultural pequeno-burguesa situada em Paris.

1. Uma joia memorial

Nas dobras e nos desdobramentos do ano de 1968, encontra-se a intromissão absurdamente tardia neste maio de 2018 de Simone de Beauvoir às Edições da Bibliothèque de la Pléiade. Ao assumir que foi intencional, vindo quase 70 anos após a publicação de *O Segundo sexo*, e 37 anos após a intromissão de Sartre na mesma coleção, a decisão parece perversa. Por isso, comemorar o maio de 68 de Paris é complicado. Poucas são as razões para acreditar que ao celebrar os “acontecimentos” de Paris não se comemora a impressão factual do Estado francês, e mais ainda a da heteronormatividade. Maio (e junho) de 68 proporcionou uma deslocação cultural em direção de políticas feministas e homossexuais, isto é verdadeiro. Certamente, não as causou. Maio de 68 encaminhou apenas emancipações parciais, enquanto a desigualdade econômica foi soterrada pela revolução cultural e a violência política dos inícios da próxima década. O que se torna praticamente uma obrigação articular uma conexão da revolta com a sequência política vivenciada desde o Golpe de Estado parcialmente esquecido de 1958, que trouxe o famigerado Général de Gaulle ao poder para combater a independência da Argélia, o último domínio colonial da França.

Afirmar-se-á que existia um maio de 68 político-econômico, apesar de que muitos dos seus testemunhos devem lutar para

conseguir a atenção dos meios em que se deseja comemorar um acontecimento principalmente pelo arcabouço cultural.

Ao falar de um maio de 68 político, trata-se de uma configuração composta de três eixos:

1. No primeiro momento, daquilo que foi um excesso tecnológico sobre o aparelho do Estado. A revolta francesa era jovem: a idade média dos manifestantes internacionalmente falando era em torno dos 20 anos. O baby boom, fenômeno que afetou todos os países vencedores da Segunda Guerra Mundial, designa menos o resultado da copulação frenética de populações alegres com a vitória sobre nazismo, que um processo demográfico que durou duas décadas. O Baby Boom foi proporcionado por uma combinação entre (i) um forte investimento pelo Governo dos EUA na economia doméstica por meio do G.I. Bill of Rights para veteranos da guerra, e nos países europeus pelo Plano Marshall; (ii) a retomada do crescimento econômico nos tempos da Guerra Fria; e, (iii) a extensão da queda radical na taxa de mortalidade infantil. Despreparados pelo efeito duradouro de vinte anos de baby boom, estes mesmos Estados de países vencedores da Segunda Grande Guerra, mesmo que pretensamente liberais, autorizaram apenas gradualmente a plena democracia no decorrer do século, com obtenção variável do voto para as mulheres, os afrodescendentes e os indígenas, assim abrindo o mercado de trabalho formal a um influxo demográfico nunca vivenciado antes. Em institutos de ensino superior como a nova universidade de Nanterre vinculada à reitoria da universidade de Paris e construída fora dos centros acadêmicos da elite no V e VI bairros (*arrondissements*) da cidade, a luta de classes se tornou visível. Esta universidade estava encostada contra uma pequena favela na periferia (*bidonville*) composta de trabalhadores migrantes provenientes das ex-colônias francesas recentemente emancipadas. É por isso que uma revolta de jovens essencialmente visando a liberalizar os costumes no campus e nos dormitórios de Nanterre se

transformou em rejeição sistêmica da ordem econômico-social. Se Daniel Cohn-Bendit pôde afirmar que os estudantes se recusavam a ser a próxima geração de exploradores da classe operária, é por que os jovens perceberam a miséria em que vivia esta classe e associaram a miséria da vida sexual estudantil da época com a vida oprimida dos trabalhadores.¹

2. Lembra-se que as faculdades de filosofia e ciências humanas da época eram equivalentes em poder social aos cursos de administração hoje. Se é verdadeiro que governos autoritários não desejam dar condições para que a população se instrua, é falso que a revolta veio da disciplina universitária que se denomina a filosofia. No período pós-Guerra, a filosofia contribuía à formação dos poderes. Por isso também, produzia, quando necessário, perspectivas contra os poderes. Em meados dos anos sessenta, a falta de vagas para prolongar a formação escolar em institutos de ensino superior explodiu em uma frustração sobre sexo para se transfigurar em uma revolução política em que alunos de colégios foram frequentemente entre os manifestantes mais enfurecidos. Nas Américas, foi na província do Québec onde esta configuração revolucionária que se formou a partir de uma nova classe política de estudantes, universitários e pré-universitários, também tomou proporções revolucionárias em 1968-69.
3. Ao considerar os desdobramentos nas Américas, volta-se a salientar categoricamente que uma análise de maio de 68 de Paris deve resistir à tentação de separar esta revolução das guerras e lutas contra colonialismo e as consequências da escravidão ocorrendo na mesma década. 1968 se *apresenta* neste contexto, mesmo que o que virá a *representar* 1968 é uma repetição da heteronormatividade. A predominância

1 « Que voulez-vous exactement, Daniel Cohn-Bendit ? : Notre objectif immédiat, c'est la politisation de l'Université. [...] La politisation est partie de là : mise en question du système capitaliste, de la fonction sociale qu'il attribue à l'Université ; refus, de la part des étudiants, d'être de futurs cadres formés pour exploiter la classe ouvrière. » Entretien avec Daniel Cohn-Bendit, « Que voulez-vous exactement, Daniel Cohn-Bendit ? », Le Nouvel Observateur, n° 182, 8-14 mai 1968. p. 19.

das imagens, em que homens brancos, heterossexuais, principalmente estão decidindo, brigando, e falando, parecem cortar esta conexão. O acontecimento de maio de 68 político não se encontra nas individualidades, mas no surgimento de uma massa coletiva de jovens, uma massa que nunca tomou corpo antes, pois não existiam as condições necessárias em que demografia, tecnologia e as bases para os confortos da vida se juntassem para exigir a ampliação de espaços democráticos em que as liberdades se verificam pela *igualdade* de oportunidade simultaneamente proporcionada.

4. A partir desta perspectiva, os desdobramentos deste ano não são lineares. O maio “de Paris” é apenas uma instância de outras tantas surgidas em 1968 que juntas formam uma rede acontecimental marcada por rupturas, nós e dispersões. Acompanhado por uma greve geral da classe operária ativa em empresas estatais, a solução na França era trabalhista: aumento expressivo de salário, representação sindical livre e garantida nas empresas, redução da jornada de trabalho. Resumindo, uma nova cultura fará a classe operária se identificar como uma nova classe média com direito aos lazeres vendidos nesta época como privilégio distribuído universalmente na nova forma providencial da sociedade. A visão calculada do então primeiro ministro, George Pompidou, quebrava assim a força representacional do Partido Comunista Francês (PCF) sobre a classe operária, mesmo se a sua vertente sindical, a CGT continuasse delegando suas posições. Até 1984, o PCF era entre os três partidos políticos mais importantes na França. Nestas condições de forte surgimento da indústria de marketing e de propaganda, a classe operária ingressou à sociedade de consumo. No entanto, este jogo estratégico não se estendia aos grevistas do Central Francês da Televisão (ORTF). Seus funcionários foram demitidos em massa o que reforçou ainda mais a censura governamental sobre a televisão. A França em 1968 não era os EUA com a difusão de imagens da sua invasão do Vietnã do Sul. A

liberdade de expressão pública era severamente restringida no país de Voltaire, e com Paris paralisada por uma greve geral e sacudida por tumultos periódicos durante o mês de maio, os franceses dependiam de canais de rádio, difundindo ao vivo a partir de emissoras situadas fora do país, para receber notícias sobre os acontecimentos. Faz-se necessário se desenganar-se das distorções deste Estado conservador, autoritário e terrorista, o que era em muitos respeitos a França sob comando do Général de Gaulle.

Portanto, na França o acontecimento foi o de uma classe operária, que optou pela estratégia da auto-organização singular dos estudantes, para então rejeitar a ordem hierarquizada de sindicatos como a dos patrões, disparando em seguida a maior greve geral na história do país.

Entretanto, a grande maioria dos jovens estudantes enfurecidos não inspiravam confiança nesta época, percepção esta que só se verificou com a passagem do tempo. Diante da expressão libertária com a qual os jovens se manifestavam, a violência da repressão da República Francesa não deixou de ser brutal. O levante popular quase derrubou o presidente militar. O fato do governo gaullista, e o chef de polícia, o assim designado “intelectual” Maurice Grimaud (1913-2009), decidir contra assassinar em massa os manifestantes legou ao establishment francês uma joia memorial. Ao comemorar maio de 1968 a cada dez anos – em cada ano! –, comemora-se mais ainda o Estado francês, seu poder, sua filosofia, seu sangue frio e sua esperteza política. Assegurou-se a hegemonia da Cidade Luz nos roteiros de turismo político-cultural para gerações futuras.

Estes eixos juntados nos levam a perceber que pela perspectiva de uma revolução cultural, maio de 68 representa uma ruptura alavancada por uma populosa juventude que estava chegando à idade adulta, em números nunca antes vistos. Até trinta anos atrás, seus antepassados se engajavam em guerras constantes que a dizimava. Após as guerras de dizimação, a economia da Europa ocidental disparou, os novos confortos encaminhando

demandas sociais por mais igualdade, demandas transformadas em direitos que as democracias entregavam gradualmente no espaço de três décadas – após outras rupturas. No imediato, a absorção e adequação da força revolucionária dos *sixties* será marcado por jovens políticos, cujo juventude tecerá as condições de surgimento da sociedade em rede. Na verdade, e apesar das aparências, o rescaldo imediato visará impermeabilizar o Estado diante destas demandas, estas sendo comunistas ou não. Seu primeiro passo será um ajuste do Estado patriarcal.

No lado de cá, era menos glorioso. Em Paris, até a polícia filmava as manifestações. Aqui perdura o invisível, o desconhecido e até agora o indesejado. Por isso, Carlos Drummond de Andrade perguntava, chorando, sobre aquilo que ninguém quer lembrar, o 68 brasileiro apagado, aterrorizado, apesar de ser também uma revolta da sociedade. No poema “*Diante das fotos de Evandro Teixeira*”, ele se pergunta:

*“Das lutas de rua no Rio
em 68, que nos resta
mais positivo, mais queimante
do que as fotos acusadoras,
tão vivas hoje como então,
a lembrar como a exorcizar?”²*

O que nos resta do maio francês, parisiense, é a luta contra a melancolia que todo acontecimento parece produzir, pois não haveria gênio suficiente na comunidade humana para levar adiante a organização igualitária da coletividade econômica e política. O que resta do 68 québécois é uma sociedade rica em diversidade, autônoma mesmo se não independente, que confirma a tese histórica segundo a qual sem revolução não há progresso social. O que nos resta do 68 brasileiro é a profunda preocupação de ver a história suja se repetindo.

2 ANDRADE, Carlos Drummond de, “Diante das fotos de Evandro Teixeira”. In: TEIXEIRA, Evandro, *Fotojornalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: JB, 1982.

Não é por simples falta de interesse. Um dos eventos mais dramáticas do 68 brasileiro é a batalha da rua Maria Antônia em São Paulo. Ela colocou em conflito os alunos de esquerda da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, situada então no bairro Consolação, e os alunos de direita da Faculdade Mackenzie.³ Uma das táticas disponíveis às empresas de telecomunicação que operam ou como monopólio ou como cartel específico ao contexto atual no Brasil, é comemorar a revolta e as insurgências sempre de outros países. Qual mais desejável que a França? O maio de 68 parisiense foi comemorado neste ano de 2018 na Rede Globo, enquanto o mesmo finalizava a demolição do Partido dos Trabalhadores. Foi comemorado no filme nacional profundamente ambíguo de João Moreira Salles, *O Intenso agora*, por ser editado por meio de películas e escritos feitas por sua mãe em condições de altíssimo luxo contra o qual o 68 político, pelo menos, rompia. Enquanto Salles exalta uma melancolia sem desejo de retorno, ainda assombram as impressões factuais capturadas por Chris Marker em *On vous parle du Brésil: Tortures (Fala-se para vocês do Brasil: torturas*, de 1969), e do mais recente *O Dia que durou 21 Anos*, de Camillo Gali Tavares (2012), mas que usa películas originais da época. Tavares anima o processo que apagou a foto do ano da revolta no Brasil ao recompor a conspiração montada em 1964 pelo então embaixador Lincoln Gordon, cuja paranoia mista com ambição colocou a Marinha estadunidense a um passo de invadir o Brasil. Os brasileiros não tiveram o luxo de uma revolta como a dos parisienses.

Diante desta contextualização do 68 político é importante também juntar uma segunda afirmação: é quase impossível, a partir da posição que eu ocupo, afirmar o que era a nova configuração da política implicada por maio de 68. A universidade contemporânea não é mais o lugar onde se constrói uma política fiel a 68, embora seja um ótimo espaço potencial para

3 *Maria Antônia: Uma rua em contramão*. Organizado por Maria Cecília Loschiavo dos Santos. São Paulo: Livraria Nobel, 1988 (Reedição de 2018).

comemorar revoluções culturais. O poder antigamente investido nos cursos de filosofia e das ciências humanas fora separado da sua conexão com os aparelhos do Estado. Nesta desconexão, cresceram a ciência política, a administração e o direito, ao detrimento da filosofia. Para chegar à política de 68, tenho então que me dissolver em uma serie de tropos: me cortar, dilacerar para deixar aparecer o avesso da minha função e da realidade que a acompanha. Hoje, como teria sido ontem, tenho que me *reeducar*.

2. Processo de reeducação pelo cinema de Godard

Primeiro documento: *Le Gai Savoir*, de Jean-Luc Godard. É possível que não haja artista ou intelectual perpassado pelos acontecimentos de 68 como Godard (faço exceção do filósofo francês também ator em 68, Guy Hocquenghem, a quem eu volto em seguida). Se a Nouvelle Vague francesa quebrava com o sistema de filmar em estúdios e com a montagem escondida entre imagens e sons, em maio de 68 Godard rompe com o filme narrativo em todas as formas. Rasga com o enredo e a ideia que o cinema deve divertir, devendo ter um início e um fim. Em 1968, Godard despedaça o autor e ele mesmo, para desenrolar o pensamento em 24 quadros por segundo.

O filme *Le Gai Savoir* representa a primeira etapa concreta deste processo. Filmado logo depois de maio, trata-se de um processo de reeducação.



Le Gai Savoir. 95 min. FRA/DEU | 1968 | dir. Jean-Luc Godard, com Juliet Berto, Jean-Pierre Léaud, Anne Wiazemsky.

O filme é a encenação por um processo de reeducação, pelo cinema, do mundo, e do cinema: “Desde a invenção do cinema falante, nunca houve um filme falado”, entona Jean-Pierre.⁴ As imagens replicam: “não acreditamos mais em verdades evidentes.” Personagens amadores entram e saem do quadro enquanto a voz do autor, transfigurada em narrador, se grava sussurrando, até extirpada, rebobinada, em uma explosão estrondosa evocando tanto o *brutismo* dos futuristas quanto a música eletroacústica do maestro Stockhausen.

Assim inicia-se a re-escuta da voz, a análise da imagem pelo som e do som pela imagem, até faltar a imagem, até faltar o som, na aceleração do espiral crítico em toda sua variedade. Visa-se à crítica da identidade pessoal e de classe, e da ideologia da experiência vivida (vista pelo existencialismo) mantida pelo grande cinema narrativo. Alista o nome dos culpados: “Dreyer, Bresson, Antonioni...”.

4 As citações provem da sequência entre 37 min a 46 min 13 do filme.

Inspirado no livro de Jean-Jacques Rousseau, o mais voltado à educação, o *Émile*, e repleto de citações de poetas e revolucionários, *Le Gai Savoir* é a encenação daquilo que se chamava nos tempos da Revolução, o processo de “reeducação ideológica do povo”. Muito discutido na sua época como meio para encaminhar o que virá depois da revolução, o programa de reeducação revolucionária é frequentemente apresentado como um dos piores abusos cometidos por movimentos comunistas. Mas quem são os que apresentam? E como se deve entender o abuso no plano das ideias sobre emancipação quando levantado pelos derrubados? Certos conceitos não são negociáveis.

Até 1967, Godard abandonava o cinema clássico. Aplicando a estética da pop arte e a estilística dramaturgica de Bertolt Brecht a seus filmes, *À Bout de Souffle*, *Le Mépris*, *Pierrot le fou* e *Masculin/Féminin*, Godard se tornou um dos mais conhecidos cineastas europeus, ao lado de Stanley Kubrick e Pier Paolo Pasolini. Em 1967, no filme *Week-end*, conhecido pelo longo *travelling* encenando o catastrófico engarrafamento sufocando os franceses na estrada prototípica em se deslocar nas suas lendárias férias, Godard suplementa o então tradicional “fim” no fim do filme, pela frase “Fim do Cinema”.



Week-end. 95 min. FRA/ITA | 1967 | dir. Jean-Luc Godard. Scénario : Jean-Luc Godard, inspirado pelo conto *La autopista del Sur*, por Julio Cortázar (sem menção), com Jean Yanne, Mireille Darc, Jean-Pierre Léaud, Anne Wiazemsky.

Em decorrência dos acontecimentos de 68, Godard formara um coletivo de cineastas, o Groupe Dziga-Vertov, comemorando o cineasta russo da revolução soviética, David Abelevich Kaufman ou “Dziga Vertov”, diretor de *O Homem com a câmera* (1929), cuja concepção pedagógica da força do cinema levou os relatos do Outubro Bolchevique aos quatro cantos do país. A missão do grupo de Godard era a de criar um cinema revolucionário de reeducação política, em que todas as opções serão exploradas apesar da forte censura vigente na época. *Le Gai Savoir* é ainda um filme de transição, gradualmente eliminando o autor Godard e os grandes orçamentos. Apesar de receber financiamento público da ORTF (Office de Radiodiffusion Télévison Française 1964-1974), o filme nunca seria projetado na França na época.

Além do *Gai Savoir*, em 1968, Godard realizara diversos documentos. Entre outros: o *Cinétracts*, composto de fotos montadas da revolta, feito em parceria com Chris Marker; *Um filme como os outros*, em que se analisa o contexto político da época e os caminhos para perpetuar a revolução em um objetivo claramente afirmado de “tomar em mãos a educação ideológica” (“*prendre en main l'éducation idéologique*”); em seguida, *One American Movie*, um documentário sobre os Estados Unidos que foi abandonado; e finalmente, o polêmico *One plus One* (ou *Sympathy for the Devil*), apresentando os Rolling Stones no processo criativo. Godard rompeu publicamente com o filme depois de o produtor mudar a montagem do fim do filme sem seu conhecimento prévio.

Mai de 68 intensificou os interesses filosóficos de Godard no pensamento do então líder da China, Mao Tsé-Tung. Já o filme *La Chinoise*, realizado em 1966, teve a proposta de mostrar as bases comuns entre um ramo de militantes contestatórios da administração burocrática do PCF com a revolução interna ao partido chinês liderada pela Guarda Vermelha. Aqui não é o lugar para salientar as realizações importantes da Revolução Cultural Chinesa, mas é importante dizer que por mais que 68 se

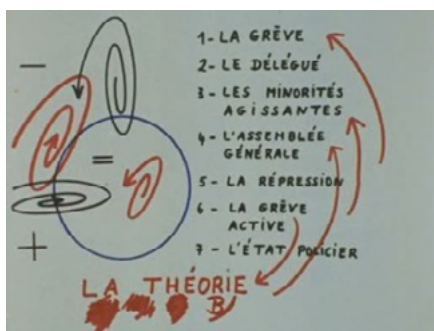
vestia de vermelho, não eram todos estudantes de esquerda que compactuam com a classe operária. Se ainda hoje, a mídia que comemora 68 na França se concentra sobre a figura do estudante franco-alemão Daniel Cohn-Bendit, o líder do Movimento situacionista do 22 de março (e eleito deputado no Parlamento da União Europeia), a posteridade do acontecimento força a considerar uma consequência menos celebrada. No maio de 1968 de Paris, quem assumiram os holofotes, e cujas fotos ainda dominam as comemorações, são principalmente os homens brancos heterossexuais. A massa movente, ao contrário, era composta de mulheres, gays, lésbicas, negros, imigrantes magrebins e outras subjetividades ainda sem nome.

Com – ou sem – possibilidades, maio (e junho) de 1968 (em Paris) era um gaio acontecimento agora fixado na história, mas não necessariamente na sua dimensão acontecimental. A primeira sequência acontecimental não existe, uma segunda, que se reconfigura por meio da hipótese comunista, tenta se prolongar.

Qualquer que seja a primeira história, ou a narrativa que a incorpora, a sua comemoração festiva que, conforme Cohn-Bendit, pôs fim à ideia de revolução, se perpetua em outras formas. De uma festa, todos gostam de se lembrar. Na França, o acontecimento inteiro se saldou por menos de dez mortos. Quando se compara aos Estados Unidos em 1968 e às sangrentas manifestações na convenção do Partido Democrático em Chicago, após os tumultos nas *inner cities* em consequência do assassinato de Dr. Martin Luther King, Jr., sem esquecer o ataque racista da cidade de Detroit em 1967, e especialmente a invasão e bombardeamento do Vietnã do Sul, do Norte e da Camboja, ou à invasão soviética da Tchecoslováquia para pôr fim à primavera de Praga, ou ao massacre dos estudantes na Cidade de México na noite do Tlatelolco dez dias antes do início dos jogos olímpicos, ou às torturas e às mortes que seguirão o decreto fascista do AI 5 em dezembro e a atuação do torturador Carlos B. Ustra no Brasil, é fácil comemorar *O Belo Mês de Maio*, e até ficar melancólico porque a Revolução não deu certo. Serve

também contemplar que apenas sete anos mais cedo, em um ato de resistência da população argelina parisiense contra o toque de recolher, cerca de duzentas pessoas foram mortas e dezenas brutalmente jogadas pela polícia de Maurice Papon no rio Seine.

O cinema de Glauber Rocha fará grande impacto sobre Godard. Após voltar dos Estados Unidos, Godard articulou o projeto de reeducação em um grandioso projeto de união entre o cinema francês e brasileiro e as orientações políticas do maoísmo, situacionismo e o marxismo tropicalista. Com a participação de Rocha e de Daniel Cohn-Bendit, o filme *Vent d'Est* apresentava este contexto vivo da reeducação. Além de líder *par default* da revolta estudantil, Cohn-Bendit era também colega da esposa de Godard, Anne Wiazemski na Nanterre, onde ela estudava filosofia.⁵



Vent d'Est. 125 min. FRA. 1970. Dir. Groupe Dziga-Vertov.

5 WIAZEMSKI, 2015.

Além de Godard, o governo de George Pompidou no final dos anos 60 também entendeu a demanda para a reeducação, e a potência revolucionária que isto representava, ao criar duas universidades em resposta às demandas para ampliar o acesso ao ensino superior. Eram demandas de uma sociedade não tanto em rumo à reforma quanto em crescimento. No Québec, a criação de novas universidades se tornou de prima importância para não deixar o bastião da colonização anglo-canadense, a Universidade McGill, a tal chamada Harvard do norte, ser transformada em universidade francófona, como reivindicava um vasto movimento nacionalista e trabalhista em Montréal e na cidade de Québec em 1969. Tal era o medo nas instâncias do poder franco-canadense que ameaçava impor a lei marcial.

Na perspectiva do Estado francês, apenas uma das novas universidades criadas em Paris na esteira de 68 deu certa. De fato, Dauphine se tornou um dos principais centros de formação econômica no país. A outra teria sido catastrófica: Vincennes, onde o espírito de 68 não só se incarnou, mas cresceu e ampliou até despertar os múltiplos ramos do pensamento francês radical que veio empolgar, ele também, o mundo. Pela vista da França conservadora, o Centre universitaire expérimental de Vincennes representa uma vergonha, ainda mais quando adquiriu o título de universidade. Pelo ponto de vista do conservadorismo francês, Vincennes devia ser enterrada. Isto ocorreu efetivamente em 1979 nas mãos do então prefeito de Paris, Jacques Chirac. O capital humano da universidade foi enviado até a periferia norte de Paris, e as instalações no Bosque de Vincennes destruídas sem marca alguma de onde se encontrava o centro de pesquisa mais inovador em ciências humanas e sociais da França nos anos de 1970, embora suas impressões factuais percorrem os continentes. Nem sequer uma placa invisível indica a localização de Vincennes. Coisa incrível por uma universidade cujo corpo docente foi parcialmente constituído por Michel Foucault, e composto por Alain Badiou e a elite normalienne de Paris.

Eis o ponto: Godard entendeu que o programa de educação revolucionária, maoísta, implicava uma *reeducação*. Os filmes que ele iniciou, com hesitação e até ambivalência, por *La Chi-noise*, adquiriam clareza na época de Grupo Dziga Vertov após maio-junho, antecipando desta forma a questão crucial para os movimentos revolucionários se espalhando pelo planeta: o que fazer com a classe liberal? A única solução ética passava pela reeducação.

3. Segundos acontecimentos: Guy Hocquenghem, Marguerite Duras

Talvez no futuro, fará novamente sentido politicamente reivindicar o direito para que estudantes-homens pudessem frequentar os dormitórios das moças pela madrugada, ou para que professores aplicassem métodos mais dinâmicos para ensinar, ou para que universidades oferecessem uma seleção maior de cursos para se atualizarem sobre os tempos modernos e para que abrissem as portas pelo menos aos homens da classe média baixa, medida que, para não provocar tédio nos homens, até justificava a ingresso de outras mulheres! Talvez no futuro todas estas reivindicações, agora bem banais e até ofensivas, voltarão. Curiosamente eram exatamente as que despertaram a revolta de maio 68 em Paris.

De tais banalidades, é difícil imaginar a guerra urbana que explodiu nas duas noites ditas das barricadas, quando o Rive Gauche pegou fogo e uma greve geral que reuniu operários em uma massa movente que rejeitaram a direção do Partido Comunista Francês e seus sindicatos para desovar um caminho junto com os filhos da burguesia. Em 10 de maio houvera a primeira noite das barricadas. Às duas horas da madrugada, 6000 policiais receberam a ordem de atacar os estudantes, causando centenas de feridos, mais de quinhentos detidos, duzentos carros queimados, o pavimento retirado empilhado em dezenas de barricadas. O Quartier latin estava em ruínas. Em meio da

confusão, o primeiro ministro, Georges Pompidou decretava em consequência a reabertura da Sorbonne a partir do 13 de maio. Durante o fim de semana, a juventude de trabalhadores, liderada pelo sindicato CGT, começou a se juntar aos estudantes. Até os meados de maio, o país se confrontara ao maior movimento de greve deste o período antes da Segunda Grande Guerra, com até dez milhões de trabalhadores mobilizados. Enquanto a publicação de jornais no país parava, a televisão censurava.

Diante da violência da repressão policial e da incerteza diante o uso de força letal contra os jovens, o movimento de contestação recebeu forte apoio da população. Porém, a partir do momento em que o presidente convocava eleições legislativas para o fim de junho, a onda começou a mudar de orientação. No dia 30 de maio, quinhentos mil manifestantes se reuniram nos Champs Élysées para defender de Gaulle. Dias antes, as negociações ditas “Accords de Grenelle” decretaram aumentos de salário imediato de 10 por cento na função pública e a representação sindical em todas as empresas. Satisfeitos com os resultados, os trabalhadores abandonaram a greve. Enquanto o movimento se fissurara, os *gauchistes* se dispersaram cada vez mais em práticas artísticas e culturais. Este declino é o que sobressaia no filme de Olivier Assayas, *Après mai*, uma perspectiva realizada em 2012 sobre o destino dos jovens revoltados. O filme coloca em valor a explosão da arte dos cartazes, forma trabalhada anteriormente pelo Internacional Situacionista. O cartaz se transformara em um verdadeiro tesouro de criação coletiva na época, sendo que teve um impacto ímpar sobre o cinema francês que adotou sua escala reduzida no objetivo político de reeducar as emoções e os afetos.

Portanto, maio de 68 representa uma introdução libidinal à política da insurreição. De fato, não era uma revolução, mas um acontecimento. Na tradicional escala de classificações de orientações políticas, não se inseria. A liderança do movimento de tendência situacionista era radicalmente anti-PCF, como contra todas as instâncias de autoridade – ou quase. Houve a fragmen-

tação das expressões partidárias de esquerda entre trotskistas, chineses (que depois de maio se tornarão maoístas), italianos, os movimentos da juventude comunista e expressões libertarianas antiliberais. Pela perspectiva do poder soberano, maio é uma revolta de esquerda. Na perspectiva do PCF, tratava-se de uma revolta da pequena burguesia.

Por conta desta contradição entre perspectivas, o profícuo momento cultural do final dos anos sessenta continua proporcionando dúvidas. Após cinco décadas, pergunta-se como ligar as impressões factuais das rupturas ocorridas ao decorrer da próxima década que se fez em nome dos acontecimentos. É inegável que sua verdadeira vítima era uma força política organizacional, a única esperança para derrubar o neoliberalismo, pelo qual, sob pretexto de desregular os mercados comerciais e dos capitais, tira os últimos da tributação e desvia o poder de Estado do modo democrático de governar a sociedade. O comunismo francês que desarticulava o poder centralizado num partido só nomeava pelo menos o sacrifício do espírito estratégico de oposição eticamente radical. Faz-se relevante, então, reavaliar o memorial-68 em cujas filigranas se percebe a comemoração da destruição da *ideia* comunista. O PCF, oriundo dos resistentes contra o nazismo, se integrou ao processo democrático no pós-guerra e ocupara um papel central na cena política francesa. Ao longo de três décadas que desmancharam a quarta República em massacres e tortura para preservar as colônias, a complexidade do momento conduziu o PCF também a perder legitimidade. As causas da desfiliação gradual perante sua estrutura, na retrovisão que apenas a história dos vencidos possa oferecer, não são tanto o “stalinismo” quanto a estrutura da quinta República, com a qual o PCF compactuava.

Nos dias 23 e 30 de junho de 1968 ocorriam eleições legislativas. A vitória será dita “decisiva” pelos gaullistas, o que se confirma pelo número de cadeiras conquistadas. No entanto, na eleição em que quase oitenta por cento da população votava, surge um nítido desequilíbrio entre o voto direto e proporcional.

Os Gaullistas chegaram a ter 49.9 por cento da vota popular, mas os comunistas ainda conseguiram 42.4. Transformada em cadeiras, a votação fornecia 363 deputados à formação conservadora, mas apenas 91 à Esquerda! Nas eleições presidenciais de 1969, o PCF terminará em terceiro lugar, mas com 21 por cento no primeiro turno, ou seja, apenas 2 por cento atrás da formação centrista. Força é de constatar que o tão conclamado fim do comunismo em 1968 fora o resultado de uma aliança entre os Gaullistas e os principais canais de televisão, o que excluiu das considerações a ainda forte representatividade do PCF com a população francesa – apesar do movimento dos *gauchistes*. Muito já foi pontificado sobre o “stalinismo” da liderança partidária. Um dia seria necessário voltar e entender que o stalinismo como opção de governo na União Soviética foi superado nos anos de 1960. Nunca o comunismo soviético seria tão parecido com a sociedade de consumo capitalista do que na década de 60 (ANGUS, 2018). Uma coisa é certa: os estudantes formarão novos partidos comunistas, mas nunca voltarão à forma hierarquizada do PCF (BADIOU, 2012).

Portanto, existe uma dispersão de correntes e de causas que pressiona qualquer modelo explicativo sobre as consequências da revolta. A explicação do historiador contemporâneo, Philippe Artières, é aquela que mais chama atenção. No catálogo da exposição *Contre-cultures 1969-1989: L'Esprit français*, apresentada na Maison Rouge de Paris em 2017, ele evoca mais claramente o nexos daquele acontecimento: “Os anos 1968 são, lembramo-lo, os de um questionamento profundo da autoridade que o [Presidente da França] General de Gaulle encarnava em primeiro lugar, mas que se declinou por meio do diretor de empresa, do professor, do policial e bem entendido do pai.”⁶ E foram milhares os filhos e as filhas da revolução que apanharam dos cassetetes da polícia de choque, o CRS. Godard os honrou ao forçar o

6 ARTIERES, Philippe. « Les Révolutionnaires seront des enfants ou ne seront pas » : Éléments pour une histoire politique de la sexualité des mineurs dans l'après-68 français, *Contre-cultures 1969-1989: L'Esprit français*. Sous la direction de Guillaume Désanges et François Piron. Paris : Éditions La Maison Rouge/La Découverte, 2017. p. 93.

cancelamento do Festival de Cinema de Cannes naquele ano.⁷ “Não há nenhum filme no festival que mostra os problemas dos operários ou de estudantes que acontecem hoje... estamos atrasados!”, proclamou Godard no seu apelo a parar as projeções em 17 de maio de 1968.



Jean-Luc Godard no Festival de Cannes, 17 de maio de 1968. Foto: INA.

A partir desta perspectiva, se maio de 68 representa, entre os momentos recentes da história, aquele que inaugura o conceito de acontecimento enquanto singularidade temporal de máxima intensidade, como rompimento universal, não é por ter desejado o poder, mas ter derrubado momentaneamente o pai-ditador da heteronormatividade. Por isso também, maio de 68 quebrou a convicção que causas físicas ou dialéticas possam explicar as grandes transformações históricas.

O acontecimento necessita que seja criado um modo conceitual e temporal para explicar o que veio depois, ou seja, para enxergar o que maio de 68 teria encaminhado na cultura. Pensar simplesmente que houve uma continuação do espírito de maio é enganoso, como também é absurdo atribuir o crescimento das igrejas neopentecostais reativas a seu espírito libertário. Ao

7 INA: Festival de Cannes, Mai 1968. 17 mai 1968. 10m 25s. Réf. 00254 <<https://fresques.ina.fr/festival-de-cannes-fr/fiche-media/Cannes00254/festival-de-cannes-mai-1968.html>>

mesmo tempo, decretar que maio de 68 se esvaziou é nitidamente incoerente. São três as formas em que a relação entre os acontecimentos e as formas sociais podem ser conceitualizadas.

(1) Se a explicação fora principalmente pela *causa*, então maio de 68 encaminhou o neoliberalismo e sua estética da eterna juventude, pretexto de divisão social a longo termo, mas que passa menos pela luta de classes que pela briga entre os egos.

(2) Se fora pela ideia que o acontecimento age na história de forma *descontínua*, então maio de 68 encaminhou, eventualmente, a configuração contracultural das *raves* propulsada pela música eletrônica negra, sobretudo o *House* e o *Techno* originados em Detroit, assim como a arte digital.

(3) Mas se a explicação fora pela *negação* da sua potência causal, então maio de 68 proporcionou aquilo que não faz parte dele, aquilo que foi efetivamente marginalizado e silenciado durante os acontecimentos, mas que se tornará o Movimento pela Libertação das Mulheres (MLF), a Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR) e a voz dos imigrantes, ou a expressão das minorias étnico-religiosas no contexto pós-colonial de uma França em prol à mão de obra importada.

Na luta deles a manter vivo o espírito de maio se encontrava frequentemente o que o filósofo e escritor Guy Hocquenghem denominava “os limites do pessoal de esquerda” quando estes se transformaram em “hetero-policiais”. No seu livro, *Le Désir homossexual (O Desejo homossexual)*, publicado em 1972, Hocquenghem já expressava a suspeição de que “é possível que a política revolucionária seja ela mesma uma instância repressiva”, se se nega de reconhecer que ao lado dos investimentos conscientes da política, existem também os investimentos libidinais inconscientes.⁸ Sabe-se o quanto a análise do inconsciente se tornara o foco das preocupações de Castoriadis, Lyotard, Irigaray, Gauchet, et al., no decorrer dos anos 1970.

8 HOCQUENGHEM, 1972.

Hocquenghem sofrera a marginalização durante os acontecimentos em razão da sua homossexualidade, ainda considerada na época um crime pelo código do direito penal na França e uma psicopatologia pela psiquiatria francesa. Por isso, a militância de Hocquenghem terá um caráter contestatária contra o próprio movimento de maio. No mês de março de 1972 o reputado periódico *Recherches*, publicou no número 12, “Três bilhões de perversos: uma enciclopédia de homossexualidades.” O número da revista foi apreendido por ordem judicial e Félix Guattari, seu organizador, recebeu uma multa de 600 francos por infração contra a decência pública. O número de *Recherches* foi ajuizado por constituir uma “demonstração de torpeza e de aberração sexual”, e “a exibição libidinosa por parte de uma minoria de perversos.”⁹ Todos os exemplares receberam ordem judicial a serem destruídos.

O que seguiu maio é um conjunto de reivindicações pouco relatadas nas narrativas sobre a época. Trata-se do movimento gay, feminista, trans e de imigrantes, as contraculturas. Seu líder não é Daniel Cohn-Bendit, mas Guy Hocquenghem. A questão permanece a seguinte: apesar do caráter acontecimental de 68, até que ponto 68 produziu uma arte realmente politizada? Tiveram os cartazes e os filmes de Godard, mas Godard mesmo falava que ninguém na indústria cinematográfica falava do movimento operário. Nenhuma arte operária surgiu de 68. Por mais que os anos vermelhos seguiram aos anos de 1970, a arte e o cinema tomaram um curso contrário. Maio de 68 não apenas reestruturou a arte que exalta a cultura burguesa (por exemplo, *Dernier Tango a Paris*), mas abriu uma linha explicitamente reacionária (*Lacombe Lucien* de Louis Malle). Por isso é preciso defender que maio de 68 é um acontecimento artístico apenas para a arte burguesa. Surge então, como problema, o cinema de Marguerite Duras.

Raramente associado hoje ao maio-junho francês, o percurso de Duras num momento de intensa criação cinematográfica

9 HOCQUENGHEM, 2010.

apresenta a forma de corte epistemológico necessário para articular o antes e o após 68. Desde a *Résistance*, Duras se afirmava fiel ao comunismo. Em uma entrevista concedida em 1970 ao programa Radioscopie na Radio France, ela defende uma posição diante do comunismo que se reconhece claramente nas teses contemporâneas de Alain Badiou na “hipótese” ou “ideia” comunista.



“Nós somos mulheres, diz Alissa [a Elisabeth]. Olhe.”
Marguerite Duras: *Détruire, dit-elle* (1969)

Vigorosamente contrário a qualquer redução de liberdade, o comunismo dos artistas após 68 passa a se articular pela ideia e as práticas de criação, faltando os meios para criar uma sociedade radicalmente artística. O romance (1969) e o filme (1970), *Détruire dit-elle*, encenara a tensão erótica vivida por mulheres em pequenos grupos por alguns anos da impressão factual deixada por maio-junho, uma reestruturação da vida passando forçosamente por um processo emancipatório travado que acabou sendo indiscernível da loucura. A partir deste processo, não há nem continuidade nem descontinuidade com os acontecimentos, apenas os silêncios eróticos da fulguração criativa além das determinações sociais.

Duras implicara o gesto teórico nas práticas hegemônicas derrubadas pelo engajamento das mulheres no movimento de 68. Mas ela acusa o recurso heteronormativo à teorização, o que contribuiu, de acordo com ela, a destruir o acontecimento. Em 1973, Duras escrevia sobre a conduta dos homens militantes intelectuais em maio 68 palavras duras:

“O homem deve apreender a parar de ser um imbecil teórico. [...] O homem deve apreender a se calar. [...] Não há tempo para viver um acontecimento considerável como maio 68 antes que o homem já fala, passa ao epílogo teórico e quebra o silêncio. [...] É ele que retomou a palavra, falando sozinho e *para todos, em nome de todos*, como ele diz. Logo, ele silenciou as mulheres, os loucos, prosseguindo pelo idioma antigo e atraindo a prática teórica antiga para dizer, contar, explicar, aquele fato *novo*: maio de 68. Ele se tornou polícia teórica, e aquele barulho silencioso, enorme, que surgia da multidão – *o silêncio aqui é justamente a soma da voz de todos*, equivalente à soma da nossa respiração coletiva – ele a amordaçou. [...] Não houve silêncio após maio de 68.”¹⁰

No caso de Duras, o acontecimento proporciona no romance *Destruir diz ela* o que será lido como uma escritura singular e exclusivamente de uma mulher. Ela fará do silêncio o espaço do erotismo da mulher. A ruptura acontecimental apresentada por maio 68 ao olhar de Duras, encaminha o ato de se dar um novo nome e redefinir a mulher além da sua identidade. A repressão do silêncio desejada pelos militantes hegemônicos nunca chegava à fixação identitária, o que implicara um deslocamento do primeiro acontecimento em outro. *Destruir diz ela* é seu caminho da floresta, a clareira do ser que se transfigura no silêncio erótico do espaçamento entre e nas mulheres.

*

10 Marguerite Duras e Xavière Gauthier, *Les Parleuses*. Paris : Éditions de Minuit, 1974. p. 245. (Extraído de um depoimento feito para o livro de Suzane Horer e Jeanne Socquet, *La Création étouffée*. Paris: Éd. Pierre Horay, 1973).

A maneira em que trabalhar teoricamente os cinquenta anos do ano 1968 impõe exigências formais. Se é válido sustentar que a diversificação da sociedade de consumo é o legado verdadeiro de 68, o diagnóstico de uma *continuidade* entre nossa época e a de 68 deve ser restringido às democracias liberais. Porém, como bem o mostram Ian Angus e o documentarista inglês Adam Curtis (1992, 2016), os anos 1960 já eram a década do consumo antes 1968. Badiou também evoca como apenas meses antes de maio, as imagens da França expressavam a *doce far-niente* da utopia consumista, utopia, é importante o salientar, que também se estendia aos países comunistas do Leste Europa. (BADIOU, 2015) Em 1973, por conta da crise do petróleo, os Estados Unidos serão mergulhados em uma das maiores e mais duradouras recessões da sua história. A cidade de Nova York decretou falência em 1975, o que mergulhara a cidade em pobreza, insegurança e violência. Por sua parte, a economia soviética também entrou em declínio. Após a destruição cometida a suas cidades pela *Wehrmacht* de Hitler, a União Soviética se tornou em vinte anos a segunda potência militar mundial. Passando pela abertura kruscheviana do final dos anos 1950 e 1960, é importante salientar que quem se estruturava conforme o terror staliniano era o PCE, mais ainda que o Partido soviético. No plano doméstico, a administração dos Estados- Unidos não temia tanto a restrição totalitária sobre as liberdades da década de 1970 quanto o sucesso do socialismo real dos anos 1960.

Portanto, maio de 68 representava-se sob forma de uma revolução, mas se realizou em uma festa política. Porventura não era é um Carnaval, pois, os acontecimentos representam, até agora, a último grito de raiva do homem branco heteronormativo de esquerda – os da direita teriam que aguardar mais cinquenta anos. O grito se tornou mais suave, no entanto, até se apropriar novamente da sociedade patriarcal. Por isso, não parece adequado o ver como inaugurando os movimentos que só se consolidarão a partir do movimento punk. O punk, como o feminismo e a libertação gay se construíram contra o conteú-

do de 68 e da estruturação interna do movimento, dominado violentamente por homens brancos heterossexuais. Ao usar o instrumento teórico da análise estrutural, é possível ver atuando não apenas um só corte descontinuista na história, mas uma síncope entre os acontecimentos e as criações sociais, período que desaguou na curiosa década de 1990, possivelmente a mais livre que as democracias tenham vivido na história.

Se maio de 68 era uma singularidade no plano da política, ela não pode facilmente ser pensado como causa do futuro, nem proporcionando *positivamente* o que lhe seguiu no plano das revoluções econômicas e sociais. Estas ainda lutam para manter o pouco conquistado em revoluções diversas depois, a maioria brutalmente reprimidas em sangue, tortura e pobreza. Daniel Cohn-Bendit tem razão: o acontecimento 1968 terminou a ideia de revolução. Acrescentaremos: para os homens brancos. Contudo, para assegurar que a prosperidade for distribuída em todos os estratos da sociedade, há necessidade de contraculturas revoltadas. Sem revolta, não há avanço social. Não houve na França, no Canadá, na Alemanha, e nem haverá por algum tempo no Brasil.

Termino com alguns slogans escritos nas paredes de Paris naquele “*joli mois de mai*”:

Il est interdit d'interdire ! (É proibido proibir.)
Mangez vos professeurs! (Comam seus professores.)
L'imagination au pouvoir! (A imaginação ao poder.)

E o que deve ser óbvio para o Brasil de hoje:

On a raison de se révolter !
Tem razão quem se revolta!

Referências bibliográficas

Livros

ANGUS, Ian. “The Dissolution of Marxist Humanism”. (Unpublished essay given at the conference *Then and Now: 1968-2018*, November 2-3, 2018, Simon Fraser University, Vancouver, Canada. Available at: https://www.academia.edu/37736174/The_Dissolution_of_Marxist_Humanism).

ARTIÈRES, Philippe. “Les Révolutionnaires seront des enfants ou ne seront pas”: Éléments pour une histoire politique de la sexualité des mineurs dans l’après-68 français, *Contre-cultures 1969-1989: L’Esprit français*. Sous la direction de Guillaume Désanges et François Piron. Paris: Éditions La Maison Rouge/La Découverte, 2017. p. 88-96.

BADIOU, Alain. *On a raison de se révolter*. Paris: Fayard, 2018.

BADIOU, Alain, *Quel communisme ?* Entretien avec Peter Engelmann. Paris: Bayard, 2015.

BADIOU, A. *Cinéma*. Paris: Nova Éditions, 2010.

BADIOU, A *Hipótese comunista*. São Paulo: Boitempo editorial, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Passés cités par JLG*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2015.

DURAS, Marguerite. *Détruire dit-elle*. Paris : Éditions du Minuit, 1969.

DURAS, Marguerite et GAUTIER, Xavière. *Les Parleuses*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1974.

GODARD, Jean-Luc *Introduction to a True History of Cinema and Television*. Edited and translated by Timothy Barnard. Montreal: Caboose Books, 2014.

- GODARD, Jean-Luc. *JLG/JLG: Phrases*. Paris : P.O.L., 1996.
- GODARD, Jean-Luc et Youssef Ishaghpourr, *Archéologie du cinéma et mémoire d'un siècle*. Paris: Éditions Farrago, 2000.
- HOCQUENGHEM, G. *The Screwball Asses*. New York: Semiotext, 2010.
- HOCQUENGHEM, G. *Homosexual Desire*. New York: Duke University Press, 1978, 1993.
- HOCQUENGHEM, Guy. *Le Désir homosexuel*. Paris : Éditions universitaires, 1972.
- ROCHA, Glauber. *O Século do cinema*. São Paulo: Coisac Naify, 2006.
- ROSS, Kristin. *May '68 and its Afterlives*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.
- SINDACO, Sarah. "Mai 68, les avatars d'une posture générationnelle", *CONTEXTES*[Online], 8 | 2011, Online since 17 January 2011, connection on 06 August 2018. URL : <http://journals.openedition.org/contextes/4718> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/contextes.4718>
- TEIXEIRA, Evandro. *Evandro Teixeira: fotojornalismo*. Textos de Carlos Drummond de Andrade, Marcos Sá Correa, Antonio Callado e Otto Lara Rezende. 2. ed. Rio de Janeiro: JB, 1982.
- VIGREUX Jean et RANC, Emmanuel, "La direction et les députés du PCF à l'épreuve de Mai-Juin 68", *Parlement[s]*, *Revue d'histoire politique*, 2008/1 (n° 9), p. 80-95. URL: <https://www.cairn.info/revue-parlements1-2008-1-page-80.htm>
- WIAZEMSKY, Anne. *Un an après. Roman*. Paris: Gallimard, 2015.

Filmes autorais

CURTIS, Adam.

- *HyperNormalisation*. 166 min. UK. (BBC, 2016).
- *Pandora's Box*. Part I: "The Engineers' Plot" (BBC, 1994).

DURAS, Marguerite.

- *Détruire dit-elle*. 100 min. FRA. 1970.

GODARD, Jean-Luc

- *Histoire(s) du cinéma*. 266 min. FRA. 1988-1998. Dir. Jean-Luc Godard.
- *Vent d'Est*. 125 min. FRA. 1970. Dir. Groupe Dziga-Vertov.
- *Le Gai Savoir*. 95 min. FRA/DEU, com Juliet Berto, Jean-Pierre Léaud, Anne Wiazemsky, 1968.
- *Week-end*. 95 min. FRA/ITA Scénario : Jean-Luc Godard, inspirado pelo conto *La autopista del Sur*, por Julio Cortázar (sem menção), com Jean Yanne, Mireille Darc, Jean-Pierre Léaud, Anne Wiazemsky, 1967.

MARKER, Chris.

- *On vous parle du Brésil : Tortures* 24 min. FRA, 1969.

TAVARES, Camilo Gali.

- *O Dia que durou 21 anos*, 77 min. BRA, 2012.

Documentos

INA : *Festival de Cannes, Mai 1968*. 17 mai 1968. 10m 25s. Réf. 00254 <<https://fresques.ina.fr/festival-de-cannes-fr/fiche-media/Cannes00254/festival-de-cannes-mai-1968.html>>

Mai-68 : entretien avec celles et ceux qui l'ont vécu (Deux parties)
Ils nous racontent Mai-68. Cinquante ans après, on en parle avec nos invités : - Christelle Dormoy-Rajramanan et Boris Gobbille, coordinateurs de l'ouvrage à paraître le 22 mars aux éditions de

l'Atelier : «Mai-68, par ceux et celles qui l'ont vécu» - Brigitte Blondet, Gisèle Prevost et Patrick Boisson, trois témoins de cet ouvrage. Débat animé par les journalistes de Mediapart Edwy Plenel et Rachida El Azzouzi. Médiapart. Mar 21, 2018.

“Quel héritage pour mai 68 ?”

Frédéric Taddéi reçoit : - Daniel COHN-BENDIT - Patrice DU-HAMEL journaliste et auteur du documentaire “Mai 68, les coulisses de la révolte” - Ludivine BANTIGNY, historienne et auteur de 1968. 22 mars 2018,

Mai 68, dans l'œil de la police, de François Pomès, 2018.

68 : sous les pavés... les flics, de Laurent Chabrun et David Korn-Brzoza, 2018.